

TEXTOS ESPONTÂNEOS COMO INSTRUMENTO DE MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MARANI, Valderice Aparecida Tardivo

RESUMO: O presente traz como tema Textos Espontâneos como Instrumento de Mediação no Processo de Produção Textual nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, desenvolvido no Município de Juara e tem como objetivo analisar e descrever a concepção dos professores sobre a produção escrita no processo de construção do conhecimento. Foi desenvolvido de forma empírica por meio de questionário. Foram entrevistados seis professores que trabalham com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Após a análise dos questionários, o resultado foi relacionado com a fundamentação teórico/prática e apresentado por meio de tabelas. O trabalho aborda a importância da produção de textos espontâneos de forma oral e escrita, ressaltando que essa atividade contribuiu para o desenvolvimento do raciocínio e da criatividade por meio da expressão livre. Através da produção textual o educando inventa várias possibilidades de linguagem e fica tão envolvido com esse processo que coloca na ação seus sentimentos, fantasias e emoções. A criança, na produção de texto, constrói reconstrói gradativamente seu aprendizado, assimila experiências e informações, e sobretudo, incorpora atividades e valores. Observou-se que os educadores entrevistados compreendem a importância da produção de textos na vida escolar do educando e para o seu desenvolvimento pessoal, mas não dão muitas oportunidades para os alunos conhecerem a variedade de textos que existe. Para fundamentação desse trabalho foram utilizados como teóricos: Luis Carlos Cagliari, Emília Ferreiro, João Wanderley Giraldo, Josette Jolibert, Maria Lucia de Mesquita Preste, Maria Lucia dos Santos e Ana Teberosky.

Palavras-chave: Produção de texto, construção do conhecimento, criança, professores, textos espontâneos.

1- INTRODUÇÃO

*Professora na Escola Municipal Jardim Califórnia. E-mail:val-derice@hotmail.com

A produção de textos nos anos iniciais é fundamental. Nessa fase o educando está elaborando seus sentimentos, refletindo sobre o conhecimento já construído e procurando compreender o que acontece a sua volta. No processo de produção, ele tenta, escreve, erra, escreve novamente para entender como usar a escrita de forma correta. Pois é nesse processo contínuo de ir e vir, que acontece sua experiência com a linguagem oral.

Para que a criança perceba seu avanço a cada atividade de produção, o texto precisa ser lido, relido e aprimorado até que chegue à versão ideal. Cabe ao professor estar desenvolvendo diferentes atividades que motivem e estimulem o educando corrigir e reescrever sua produção textual de forma crítica e consciente.

É fundamental oferecer aos alunos a diversidade de textos que existe dentro e fora da escola, para que estes entendam e compreendam a importância da produção escrita para seu desenvolvimento cognitivo e sua vida pessoal. É importante conscientizar os alunos para serem escritores competentes, o que requer muito esforço e dedicação.

No decorrer do desempenho profissional é comum ouvirmos comentários de professores que seus alunos apresentam muitas dificuldades e não têm motivação para produzir textos. Em função disso, e de perceber por meio de minha prática pedagógica a importância da produção escrita no processo ensino aprendizagem para a construção do conhecimento, desenvolvi uma pesquisa com professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, objetivando compreender qual a concepção expressada por estes professores em relação a produção escrita no processo de construção do conhecimento da criança.

Para compreender melhor o processo evolutivo da escrita, aborda-se na história da escrita, a escrita em sala de aula, o texto, a importância da produção de textos espontâneos.

A escrita se organizou a partir do momento que o homem aprendeu a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. De acordo com que as necessidades sociais foram surgindo, a função da escrita e as metodologias de alfabetização foram evoluindo.

A criança concebe a escrita como simbólica, portadora de significado e sentido. A significação provém da experiência com o mundo e o sentido se reproduz nas relações dialógicas dela com o objeto de conhecimento com o qual está interagindo. Neste sentido aborda-se a importância de se trabalhar a produção escrita por meio de textos espontâneos, usando procedimentos mais adequados de forma livre e prazerosa.

As crianças ao realizar suas produções, vão gradualmente, por meio da interação com os colegas e com o professor, construindo o seu saber/fazer. Com

uma aprendizagem contextualizada e interativa, a prática de leitura e escrita propicia a busca de conhecimentos, compreensão e comunicação com o mundo.

Nesse trabalho caracteriza a escola, lócus desta pesquisa, apresenta-se o funcionamento, espaço físico, corpo administrativo, corpo discente, docente e os conteúdos curriculares. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa de campo. Para isto foi elaborado um questionário, que foi entregue a seis professores da referida escola. A organização e a análise dos dados evidenciam que os professores concebem o trabalho de produção de textos como uma atividade primordial nas anos iniciais, seja de forma oral ou escrita. Assim, eles veem à produção como uma atividade criativa e o educando como um sujeito construtor de sua história e conhecimento, refletindo-lhe o direito ao uso da palavra nas atividades escolares.

2- A HISTÓRIA DA ESCRITA

A escrita é uma das invenções mais antigas da humanidade. É algo com o qual estamos envolvidos e que desde sua descoberta evoluiu bastante para chegar às formas e traços apresentados hoje. As pessoas sempre sentiram vontade e necessidade de se comunicar e descrever o mundo. Assim, o homem no decorrer dos tempos, vem buscando comunicar-se com gestos, expressões e com a fala.

A história da escrita caracteriza-se em três fases distintas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética. Na fase pictórica a comunicação dos fatos e idéias era realizada através de desenhos bem simples. Nesse período os desenhos e a pintura não têm nenhuma ligação com o idioma e com a fala.

A mais primitiva escrita era a ideográfica, representada por meio de desenhos chamados ideogramas que representavam idéias e não palavras. No decorrer dos tempos foram perdendo alguns dos traços mais representativos, pois o homem ia sempre buscando aprimorar a sua forma de comunicar e os desenhos já não atendiam mais suas necessidades.

A fase alfabética é a que estamos vivendo e usando atualmente. Os povos semíticos criaram o alfabeto composto por vinte e dois sinais e cada sinal representava uma consoante. Os gregos utilizavam a representação silábica do povo semítico e desenvolveram o alfabeto com vinte e sete letras incluindo as vogais, uma vez que em grego as vogais têm uma função lingüística muito importante na

formação e reconhecimento das palavras. Dessa forma, os gregos, escrevendo consoantes e vogais, criaram o sistema de escrita alfabética.

Posteriormente, a escrita grega foi adaptada pelos romanos e modificada pelos greco-latinos de onde provém nosso alfabeto. “Entende-se por alfabeto um conjunto de sinais da escrita que expressa os sons individuais de uma língua”. (BARBOSA, 1994, p. 37). O alfabeto, portanto, foi passado por inúmeras transformações e utilizado por um grande número de pessoas em lugares diferentes para usos diversos.

Segundo Cagliari (1993, p. 10) “a invenção da escrita foi o momento mais importante da História da Humanidade, pois somente através dos registros o saber acumulado pôde ser controlado pelos indivíduos”. É por meio dos registros escritos que os saberes acumulados historicamente podem ser conhecido e refletido no contexto atual, possibilitando assim, associações, comparações e análises.

Hoje vivemos em uma sociedade letrada, marcada pela presença das linguagens verbal e não verbal. Quem não aprender a ler estas linguagens poderá ser considerado cego, mesmo quando pode ver.

3- A ESCRITA EM SALA DE AULA

De acordo com Coelho (1984, p. 92):

“Escrever significa relacionar o signo verbal, que já é um significado a um signo gráfico. É planejar e esquematizar a colocação correta de palavras ou idéias no papel. O ato de escrever envolve, portanto, um duplo aspecto: o mecanismo e a expressão do conteúdo ideativo”.

A escrita, portanto, é uma das formas de linguagem onde a pessoa seja capaz de conservar a idéia que tem em mente, ordenando-a numa determinada seqüência e relação.

Quando alguém aprende a escrever ao mesmo tempo está aprendendo outros conteúdos, como por exemplo, as características discursivas da língua, ou seja, a forma que ela assume em diferentes gêneros, por meio dos quais se realiza socialmente. Para Persona (apud Soares, 1994, p. 75):

É preciso propiciar condições para que o indivíduo-criança ou adulto tenha acesso ao mundo da escrita tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso

real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento da luta pela conquista da cidadania plena.

A escrita não é um processo mecânico, deve ter um significado a partir de seu uso. Tendo sentido dialético, estabelecendo ligações entre o pensamento e a ação. A aquisição e o domínio da leitura e da escrita deve ser um contexto potencial, interativo, dinâmico, cooperativo de ação e criação. Escrever é um desafio para a criança. Ela relaciona o som com a fala. É um sistema de representação e a criança percebe suas potencialidades neste processo que lhe permite compreender e produzir signos, a partir de hipóteses que formula.

A aprendizagem de leitura e escrita deve estar integrada às demais atividades desenvolvidas cotidianamente em sala de aula. Qualquer experiência que a criança ou grupo realize pode se transformar em conteúdos reais e significativos. A linguagem escrita ajuda na expressão de seus sentimentos, pensamentos e experiências sobre e com o mundo.

Escrever na prática de sala de aula é abrir-se para além da convivência íntima e solitária com as palavras. É conviver com discurso alheio do aluno ao lado do professor, do corretor. Ao escrever o aluno amplia a consciência, de que outro que lê, existe, não como leitor passivo, receptor resignado, mas alguém capaz de compartilhar. (GERALDI & ATELLI, 1997, p. 141)

É importante que o aluno perceba que escrever é um processo de construção de conhecimentos e que precisa ter contato com diversas fontes de informação que circulam no meio do qual está inserido. A linguagem escrita é um meio de interação vivenciado na relação entre professor e aluno no seu dia-a-dia e na sala de aula. A experiência da criança com o escrever proporciona um aumento de sua competência comunicativa onde ela irá sistematizar e organizar o seu conhecimento. Segundo Folcanbert (1994 p. 75):

Aprender a escrever significa, aprender as técnicas da passagem de um ao outro; como se transcreve o que é dito, é a ortografia, como se redige um texto, ou seja, como este se conforma aos usos, convenções e regras do estudo. É criar uma mensagem suscetível de funcionar para um leitor, ou seja, é antecipar esse funcionamento para torná-lo possível e essa antecipação apóia-se numa experiência pessoal do leitor.

A escrita é uma atividade nova para a criança. Por isso, requer do educador uma reflexão constante para planejar e usar uma metodologia de acordo que atenda

as necessidades e possibilidades do aluno.

Tomando a escrita como objeto de conhecimento, a criança a cada dia que passa desenvolve hipóteses mais avançadas sobre ela. A partir do momento em que o professor entende que a construção da escrita acompanha o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, ele passa a empenhar-se em compreender a produção escrita da criança desde a sua gênese.

O processo de aprender a ler e escrever requer a integração dos dois níveis de conhecimento. O de natureza intuitiva, que consiste na capacidade de usar a língua escrita como instrumento de comunicação e o de natureza consciente, que permite o entendimento de como as unidades de sons representam na escrita. Unindo esses dois níveis de conhecimento, a criança em sua construção, movida pelo seu interesse no objeto língua escrita, juntamente com a integração aos adultos, facilita a exploração da leitura e da escrita. Segundo Smith (apud Kato, 1994, p. 132):

As crianças aprendem facilmente sobre a língua falada quando estão envolvidas no seu uso, quando a língua tem possibilidade de fazer sentido para ela. E do mesmo modo as crianças procurarão entender como ler sendo envolvidas no uso da leitura, em situações em que a língua escrita possa fazer sentido para elas e com isto elas podem gerar e testar hipóteses.

A construção do conhecimento da criança inicia no contexto familiar. Cabe à escola o desafio de descobrir e criar formas de incorporar atividades num modelo de desenvolvimento de habilidades lingüísticas e cognitivas necessárias à aprendizagem da leitura e escrita.

Antes de ensinar a escrever, é preciso saber o que os alunos esperam da escrita, quais julgam ser suas utilidades, respeitando e valorizando as opiniões para que eles percebam que a escrita tem seu valor e a partir daí programar as atividades adequadamente.

Quando alguém aprende a escrever, ao mesmo tempo está aprendendo outros conteúdos, ou seja, as características da língua, o modo que ela assume em diferentes gêneros por meio dos quais se realiza socialmente.

É necessário que todas as pessoas tenham acesso à escrita, em todas as áreas com o poder de transformar e compreender o mundo. Ler e escrever permite a comunicação entre as pessoas envolvidas na transformação do universo, na evolução.

4- TEXTO

O texto é uma obra humana. Toda construção cultural que tenha um significado formado por meio de códigos e convenções pode ser chamado de texto. Como exemplo: uma carta, uma notícia de jornal, pinturas, um gráfico, etc. “Texto é uma ocorrência lingüística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sócio comunicativa, semântica e formal. Texto é unidade de linguagem em uso”. (VAL, 1999, p. 03).

Texto é tudo aquilo que produzimos de forma oral ou escrita, em que o indivíduo tem a liberdade de expor suas idéias na sua própria língua independente de sua região, cultura ou nível social. Segundo Bakhtin, “um texto vive unicamente se está em contato com outro texto”, daí a importância de desenvolver no dia-a-dia da sala de aula, práticas intelectuais e dialógicas. Como registram os PCNs (1997, p. 26), “os textos estão em constante e contínua relação uns com os outros”. Portanto, é tarefa importante do educador apresentar ao aluno uma variedade de textos para que ele tenha conhecimento dos diferentes tipos de informação que as rodeia.

Na concepção sociointeracionista, o texto é visto como produto da atividade discursiva de forma oral ou escrita que tenha significado. No entanto, um texto pode ser constituído por apenas uma palavra, uma frase, um diálogo, períodos concebidos como uma seqüência verbal formada por um conjunto de relações que estabelecem coesão e coerência. É denominado de textualidade esse conjunto de relações, pois só é considerado um texto aquele que há possibilidade de ser compreendido como unidade significativa, que tenha sentido, clareza.

A construção de um texto é uma atividade criadora que se baseia na associação livre, entre a palavra e demais elementos como: gestos, imagens, cores, sons, entre outros. Consiste, portanto, na experimentação e exercícios de múltiplas linguagens.

O conhecimento está em constante transformação, é dinâmico. Dessa forma, acontece espontaneamente dentro da realidade e do contexto em que vivemos. Possui significados e não está direcionado apenas aos livros, mas está presente em todos os acontecimentos do dia-a-dia e ao alcance de todos nós.

O autor de texto é historicamente situado, vive no mundo, participa do existir num tempo e num espaço específicos a partir de determinadas condições

econômicas, políticas, ideológicas e culturais. Enquanto produto das suas relações com o mundo e ao mesmo tempo, produtor, transforma o mundo colocando algo de si, mesmo quando não existe desejo intencional de fazê-lo.

A linguagem verbal possui relação com o pensamento possibilitando a representação da ação, comunicar idéias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e modo, influenciando o outro a estabelecer relações interpessoais.

De acordo com os PCNs, (1997, p. 106), “é importante que as produções de textos se organizem de modo que possibilitem aos alunos a apropriação progressiva dos procedimentos necessários no ato de escrever e a experimentação dos diferentes papéis envolvidos”. Portanto, é fundamental que o aluno seja estimulado a ser um produtor de texto para que possa ser melhor compreendido em relação às suas ações e pensamentos.

Escrever textos não é somente tarefa da disciplina de Língua Portuguesa. Um texto pode servir de alicerce para trabalhar diferentes conteúdos, pois auxilia o aluno a refletir e organizar suas idéias. A produção textual é fundamental, pois auxiliará na formulação de hipóteses criadas pelos alunos, onde na necessidade de usar uma palavra conhecida socialmente e desconhecida graficamente, ele pensará como essa palavra pode ser escrita e usará seus pensamentos para traçar a forma gráfica.

5- A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE TEXTOS ESPONTÂNEOS

A produção de textos é uma atividade expressiva e criativa que envolve constantemente reflexão. A produção é uma continuidade do ato de ler, pois escrever é um processo de construção e reconstrução de sentidos em relação ao que se vê, ao que se ouve, sente ou pensa. Quanto maiores experiências de leitura tiverem, mais fácil será o processo de criação textual.

O aluno dos anos iniciais está aprendendo e aprendendo as características da escrita e, nesse caminhar, ele encontra surpresas e desafios a cada instante. Mesmo ainda não sabendo escrever, ele possui fantasias e já é produtor de textos orais. O professor ao valorizar o conhecimento que ele possui, irá questioná-lo e, a partir daí, surgirá a produção textual. A escrita deve acontecer de forma que a criança coloque no papel suas experiências, seu conhecimento construído no

cotidiano.

Ao acontecer a primeira tentativa de escrita, a criança não procura copiar, mas representar o que ela imagina que seja a escrita. É fundamental deixar que os alunos escrevam livremente; dar tempo à escrita, o professor deve incentivar o aluno para realizar esta atividade da maneira que achar melhor, usando espontaneamente a língua, isso o estimulará a escrever do modo que lhe parecer fácil, correto e apropriado nas mais diversas situações. Os erros ortográficos não devem ser muito cobrados neste período de produção. O importante é que os alunos expressem suas idéias, suas capacidades.

É preciso saber que para ser um bom escritor tem de ser um bom leitor, pois a leitura permite conhecer um mundo cheio de novidades. A prática de ler e escrever deve ser, para o aluno, um ato de consciência, uma maneira de demonstrar seus conhecimentos do mundo traduzido em signos.

A produção de textos não vem do nada, sempre se relaciona de alguma forma com o texto já produzido, pois os textos estão em constante e contínua relação uns com os outros. Portanto, cabe à escola propor textos que circulam socialmente, orientando e estimulando tanto a produzir como a interpretar textos nas mais variadas situações. Fora da escola existe uma diversidade de textos que o aluno deve ter conhecimentos, inclusive, textos utilizados em outras disciplinas com os quais os alunos se deparam no seu cotidiano, que tenha sentido e seja de acordo com sua realidade.

Produzir texto é uma das tarefas mais complexas, tanto para quem pretende ensiná-la, como para aquele que, na sala de aula, todos os dias, dispõe-se a aprendê-la. Não existe uma receita infalível ou modelo. Depende muito mais da recepção do leitor que de uma cópia do que se diz ou informa. (FAUSTICH, 2000, P. 09)

É fundamental que o professor relacione as melhores propostas e métodos para alavancar seu objetivo que é formar leitores críticos e escritores competentes, capazes de criar textos coerentes e coesos, usando recursos lingüísticos variados associando à leitura da palavra à leitura do mundo. Segundo os PCNs (1997, p. 77):

Para formarmos escritores competentes capazes de criarem seus próprios textos e avaliarem o percurso criado, é preciso oferecer condições para que ele possa buscar informações em diversas fontes de pesquisa. Portanto, é preciso oferecer oportunidades para que o aluno tenha acesso a uma diversidade de textos, que lhe permita criar, recriar as próprias produções.

É importante estar consciente que para formar escritores depende não somente de uma prática contínua de produções de textos, mas de uma prática constante de leitura, pois quanto mais rica as experiências de leitura e de escrita mais criatividade e facilidades o aluno terá para produzir textos com qualidades.

Pode-se perceber que a produção de um texto espontâneo é uma das atividades mais importantes das aulas de Língua Portuguesa, por isso é necessário realizar um planejamento textual, ou seja, juntar o que se quer dizer com o modo com que isso vai ser dito, seguindo uma determinada ordem.

Dependendo de quem é o destinatário exige do escritor uma certa organização como, por exemplo, em relação à escolha do vocabulário, da organização das idéias e até mesmo do capricho e elegância das apresentações gráficas.

Na sociedade em que vivemos existe uma certa cobrança em relação aos textos escritos. E a escola deve mostrar aos alunos como proceder a respeito das variações lingüísticas e da norma culta. Aprender a escrever requer processos como compreender o sistema da escrita e como funciona a linguagem que se usa para escrever. É possível produzir texto sem saber grafá-lo e é possível grafar sem saber produzir. O domínio da linguagem escrita se constrói mais por meio da prática de leitura que pela própria escrita.

Analisando as características básicas do sistema de escrita, pode-se perceber a distância que separa os métodos de alfabetização. Em geral, em algumas práticas tradicionais, principalmente em relação à escrita ainda continua sendo entendida como espelho da fala, e o texto bem produzido é considerado aquele que não possui erros ortográficos.

Refletindo sobre essa postura, pode-se entender por que a escola demora tanto a ensinar e o aluno desestimulado, sofre tanto para aprender. Há um conceito diferenciado da escola com a criança. Não se respeita a hipótese criada por ela sobre o que é escrever e como isso pode ser feito. Mesmo assim, os alunos demonstram capacidades para produzir textos espontâneos. Nesse processo constroem hipóteses sobre a ortografia ao enfrentar o desafio de novas palavras, sem perder a facilidade de expressão que já construiu oralmente.

É preciso repensar nossas concepções e práticas para buscarmos uma solução que possibilite uma livre expressão dos alunos, aprendendo e criando com

eles nossa prática, partindo das sugestões que eles nos oferecem, pois estes têm uma bagagem de conhecimento que construiu no meio em que vive.

Ao oferecer textos para os alunos lerem, o professor deve ter o cuidado de selecionar textos interessantes e com significado, que seja de acordo com a realidade, pois textos descontextualizados, geralmente não levam o aluno a refletir sobre o que leu nem se posicionar criticamente sobre o assunto lido; muito menos irá colaborar para ampliar seus horizontes que vão servir como base para que o aluno se torne apto a desenvolver uma produção escrita com qualidade.

O professor deve desenvolver seu trabalho de leitura e produção de texto de forma integrada e estimular os educandos a serem efetivamente co-participantes nesse processo, ler o que for de seu agrado e proveito, e produzir os diversos gêneros textuais com adequados em qualquer situação com a qual se deparem em sua vida.

Ao produzir um texto, o aluno deve ter em mente a situação comunicativa em que são produzidos, ou seja, é necessário levar em conta quem produz, com que objetivo, em que momento e para quem produz. Por isso é fundamental realizar um trabalho prévio, envolvendo discussão, leitura, troca de idéias e problematização.

É de suma importância ressaltar alguns pressupostos que o professor deve usar para orientar os alunos a produzir textos com qualidade. O professor deve observar e analisar os problemas que os alunos apresentam nas produções, em relação às questões gramaticais e, a partir daí, ir trabalhando as dificuldades evidenciadas e as questões consideradas de maior valia para a garantia de fidelidade da língua.

Na maioria das vezes, o erro ocorre pelo simples fato de a criança estar em processo da aquisição da escrita, e nesse caso, ela cria hipóteses para a formação das palavras por desconhecê-las o som. Um professor que conhece profundamente como a escrita, a leitura e a fala funcionam e o que acontece durante esse processo de alfabetização, é capaz de analisar qualquer coisa que aconteça ou deixa de acontecer com os alunos, quando eles vão ler ou escrever.

Em muitas escolas, não permite que a criança faça o seu aprendizado da escrita como fez da fala. Ela não tem liberdade para tentar, perguntar, errar, comparar, corrigir; tudo deve ser feito “certinho”, desde o primeiro dia de aula. Às vezes supõe que os exercícios preparatórios são o melhor caminho para o aluno desenvolver suas habilidades para a escrita e a leitura. Alguns métodos são tão rígidos em suas atividades e tão extensos que não sobra

tempo nem espaço para as crianças desenvolverem suas hipóteses sobre a escrita. (CAGLIARI, 1993, p. 121)

Refletindo sobre a citação acima, o excesso de preocupação com a ortografia acaba desestimulando a criança a produzir textos, se acha incapaz. Ela se preocupa mais em produzir para agradar o professor do que escrever o que pensa, dessa forma o aluno perde o interesse, o estímulo e não aprende a gostar de produzir.

Muitas vezes, o professor julga seus alunos apenas pelos erros que cometem nas produções espontâneas e nunca pelos acertos. Assim, visa amedrontar o aluno diante do erro e da ignorância e não a incentivá-lo a superar suas dificuldades, apoiando no conhecimento que o aluno já tem. Assim, a escola, ao invés de considerar o processo de construção, que terá os momentos de revisão e reorganização que o aluno possui, está cortando, destruindo o que ele já sabe, o que construiu no meio social.

Para um bom professor, deve ser tão importante o que o aluno acerta quanto o que erra. O ensino, sendo muito dirigido, e o aluno só seguir modelo, regras, o professor recebe apenas a reprodução de algo que passou para os alunos. Não se dá a chance para escrever o que pensa. As crianças não são passivas no mundo, elas estão a todo instante atentas para aprender tudo o que lhes interessa, em todas as circunstâncias.

É fundamental o convívio com diversificados tipos de materiais, pois ajudará a criança gradualmente ir percebendo como as palavras são formadas e diminuindo os erros ortográficos, além disso, oportunizará a ampliar seu conhecimento por meio da leitura e ir desenvolvendo a criatividade. À medida que a criança vai se interagindo com diversos textos as experiências de leitura e escrita se inter-relacionam, e com a prática constante de produção ela vai construindo textos com coesão e coerência. O crescimento da qualidade vai depender da efetividade do uso da escrita.

O professor pode criar ambientes solicitados de aprendizagens ortográficas por meio do lúdico, jogos e brincadeiras que, além de prazerosos, geram nas crianças um ar desafiador e, desta forma, passa a alcançar progressos sem traumas. Para a criança desenvolver sua criatividade é necessário incentivá-la para produzir textos espontâneos. É uma janela para um mundo novo, mas o acesso a ele ainda depende de cortar certas amarras tradicionais.

É importante analisar o que os alunos escrevem seguindo instruções das atividades estruturais dos ditados e cópias e comparar com o que escrevem nos

textos espontâneos, como também as diferenças entre os tipos de abordagem do ensino da escrita. Os textos espontâneos mostram como o aluno pensa, o conhecimento que já possui e permite ao professor conhecer melhor seu aluno, o individual de cada um.

O aluno pode até acertar tudo no ditado, mas ao produzir textos seguindo regras e modelos, acaba produzindo de forma fragmentada e descontextualizada. Pode-se perceber que o ditado não é uma boa maneira de avaliar e ensinar, pois o professor observa que o aluno escreve frases soltas ou expressões estereotipadas. Inicia escrevendo um texto interessante e termina com frases soltas para completar o texto. Segundo Ribeiro (1988 p. 215):

A escola ensina os alunos a fazerem suas tarefas de um jeito e, depois, cobra deles justamente o contrário. O método das cartilhas quer que os alunos escrevam textos seguindo uma forma inadequada e depois a escola vai exigir que eles escrevam bem, com criatividade e arte.

É necessário utilizar métodos mais adequados de modo que os alunos produzam textos espontâneos com prazer e criatividade e, a cada produção, amplie ainda mais o seu conhecimento. O escritor competente sabe expressar por escrito seus sentimentos, experiências ou opiniões. Cabe à escola oferecer oportunidades para que os alunos escrevam textos diversificados e de aplicações práticas com os que circulam na sociedade.

O escritor também precisa encontrar estímulo, mover-se pela vontade de escrever, encontrar razões para desenvolver as produções e assim partir de suas experiências concretas como objeto de reflexão somando as experiências de outros para ter o que dizer, o que produzir.

O papel do professor no processo de construção do conhecimento consiste em facilitar o intercâmbio entre os alunos, questionando, propondo situações concretas de escrita e leitura. Segundo Ribeiro (1988 p. 116):

Ter a convicção de que as crianças podem e sabem escrever; promover e facilitar as produções sem intervir nas correções ou opiniões a respeito dos possíveis “erros”; participar dando respostas com o objetivo de esclarecer as dúvidas que apresentar nas produções; “ressaltar” as opções que permitem fazer avançar as concepções das crianças; intervir dando sua opção, apresentando-a como uma entre as possíveis frente à situação concreta de trabalho; todo tipo de atividade ou atitude deve ser discutida com o grupo-classe: copiar, perguntar, ditar, olhar as produções dos outros, corrigir as próprias ou as alheias, ou inclusive declarar-se inibido para realizá-las.

As produções de textos espontâneos implicam e dependem muito das condições e atitudes despertadas na classe pelo professor. É importante colocar o

aluno em estado de concentração para buscar suas idéias pessoais e elaborar racionalmente sua organização textual, no processo de seleção e organização de palavras.

A prática de produção de textos espontâneos resgata não apenas o sujeito, mas sua vida, seu conhecimento, seu mundo, que se expressam no uso da palavra escrita. É necessário oportunizar a criança manejar a linguagem por meio do lúdico, possibilitando o uso de sua imaginação criativa, e ativando, assim, sua capacidade de inventar, representar, experienciar, construir, atuar, transformar e transformar-se individual e coletivamente.

6- CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA

Esta pesquisa foi realizada na Escola Municipal “Jardim Califórnia”, localizada na Rua Barão do Rio Branco, s/nº, Bairro Jardim Califórnia, anexo à Escola Municipal “Maria Pirovani Riva”, criada sob a Lei 1219/2000 de 19 de dezembro de 2000.

Atende a Educação Infantil e o Ensino Fundamental de 1ª a 3ª série, na modalidade regular, tendo funcionamento no período matutino e vespertino, no horário das 7h às 11h e das 13h às 17h. Possui cinco salas e tem capacidade para atender duzentos e cinquenta alunos. No período matutino estudam cento e vinte e três alunos e no período vespertino cento e quatorze alunos, perfazendo um total de duzentos e trinta e sete educandos.

Nesta unidade escolar trabalham onze professores. Dois com Especialização, um graduado em Letras, sete em Pedagogia e um em Magistério. Dois destes professores atuam na coordenação pedagógica, além do diretor, secretária e agentes de serviços gerais. São oferecidos aos alunos as disciplinas de Português, Matemática, Artes, História, Geografia, Inglês, Educação Física, Educação Artística e Ciências.

7- A CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES ACERCA DA PRODUÇÃO DE TEXTOS ESPONTÂNEOS

No processo educacional percebe-se que muitos educadores, muitas vezes, por uma atitude inconsciente, se habituem a impor aos educandos e exigir deles

uma atitude de obediência passiva que pouco refletem na possibilidade de haver uma outra maneira de ensinar. Impõem regras que pouco contribuem para aprimorar a capacidade de comunicação e expressão dos alunos, bem como a utilização adequada dos recursos lingüísticos de acordo com a situação comunicativa.

Percebe-se a necessidade de haver mudanças no método de se trabalhar a produção textual com vistas do intercâmbio de experiências capazes de enriquecer o ensino de linguagem, instrumento cada vez mais importante para a construção do conhecimento dos educandos.

A escola deve desenvolver conteúdos a partir da realidade do aluno, deixando transparecer um caráter natural, espontâneo e utilitário da linguagem para que o aluno saiba usar a palavra, tanto na modalidade oral como na escrita, com desenvoltura, competência e adequação.

Por isso é fundamental oferecer aos alunos textos que fazem parte do cotidiano e cabe à escola ensinar tanto a interpretar textos diferenciados como produzir, pois a variedade de textos que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento do aluno.

Este trabalho sobre produção de textos espontâneos foi realizado através de estudos teóricos e pesquisa de campo. Foram entregues oito questionários aos professores que atuam da Educação Infantil até a 3ª série do Ensino Fundamental. Apenas seis profissionais entregaram os questionários respondidos. As respostas dos entrevistados foram diferenciadas.

Em relação à primeira questão observe:

Tabela 01 – Grau de escolaridade

	Resposta	Freq.	Perc
A	Especialização	02	33,33%
B	Pedagogia	02	33,33%
C	2º Grau Magistério	02	33,33%

Dos seis professores entrevistados, dois têm curso de Pedagogia e especialização, dois são formados em Pedagogia e dois cursaram Magistério. Portanto, a maioria dos entrevistados possui nível superior.

Referente à segunda questão, o que compreendem por produção de texto, observe o resultado indicado na tabela abaixo:

Tabela 02 – Compreensão de produção textual

	Resposta	Freq.	Perc
A	Desenvolve a criatividade, a escrita e a leitura	01	16,66%
B	Transmitindo mensagem, até uma palavra é considerado um texto	01	16,66%
C	Exposição de idéias, mostra a visão de mundo do escritor	01	16,66%
D	Expressa sentimentos e compreensão do meio em que vive	01	16,66%
E	Colocar no papel as idéias relacionadas a tal fato	01	16,66%
F	Expressar através da escrita ou oralidade a realidade ou ficção	01	16,66%

Pode-se observar que cada entrevistado tem seu conceito sobre produção textual. O professor (A) acredita que a produção de texto desenvolve a criatividade, a escrita e a leitura. Daí a importância de possibilitar à criança que ela vá descobrindo os elementos que constituem o sistema da escrita e que o contexto de aprendizagem significa a conquista da autonomia para se expressar e se comunicar. De acordo com Santos (1996 p. 106):

Criatividade é sinônimo de pensamento divergente, isto é, de capacidade de romper continuamente os esquemas da experiência. É criativa uma mente que trabalha, que sempre faz perguntas, que descobre problemas onde outros encontram respostas satisfatórias, que é capaz de juízos autônomos e independentes (do pai, do professor e da sociedade), que recusa o codificado, que remanuseia objetos e conceitos sem deixar-se inibir pelo conformismo. Todas essas qualidades manipulam-se no processo criativo.

Associando a compreensão da entrevistada as referências de Santos, para o desenvolvimento da criatividade é necessário permitir ao educando a espontaneidade, a criação de forma ativa e que sinta a liberdade de improvisação.

Segundo Santos (1996, p. 32) “o aluno escreve quando experimenta a necessidade de se comunicar a alguém o que traz dentro de si. Escrever ou não; quando, onde e sobre o que escrever são decisões que cabem a cada aluno tomar”. Por isso, é importante dar oportunidade e incentivar o aluno a refletir e vivenciar o processo de aprendizagem de forma prazerosa e produtiva para vencer as dificuldades encontradas. A leitura e a escrita são duas atividades conduzidas, mais ou menos paralelamente. Cagliari (1993, p. 176) afirma:

Ler é uma atividade tão importante quanto a produção espontânea de textos, ou talvez até mais importante. No mundo em que vivemos é muito mais importante ler do que escrever. Muitas pessoas alfabetizadas vivem praticamente sem escrever mas não sem ler. Há muitos analfabetos de escrita que não são analfabetos de leitura. Sobretudo, pessoas que vivem nas cidades precisam saber ler pelo menos placas de ônibus, números,

nomes, documentos.

Relacionando a concepção do entrevistado onde ele relaciona que “a produção textual desenvolve a leitura”, conforme Cagliari, percebe-se o quanto é importante oferecer aos alunos a variedade de leitura para que aos poucos ele possa ir assimilando e desenvolvendo a escrita em várias situações em que os educandos buscam as informações relevantes e o significado implícito, ou até mesmo para a resolução de problemas do dia-a-dia.

A leitura diversificada e real estimula ainda mais a criança a produzir textos, porque são fatos de sua vivência, que depara no cotidiano. O desempenho da leitura não é senão o resultado de uma ação consciente e contínua do ser humano, voltada para a compreensão dos referenciais do mundo, inscritos nos diferentes tipos de textos. Até mesmo uma palavra, uma vez que tenha significado, pode ser considerado um texto, como expressa o professor (B): “Mesmo que esse texto seja uma só palavra ele tem que transmitir uma mensagem”. Portanto, o que define um texto não é a sua extensão, mas uma unidade de sentido em relação a uma situação. Assim, o texto pode ser construído por apenas uma palavra, uma frase, períodos correlacionados na escrita.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino de primeira a quarta série do Ensino Fundamental (1997, p. 36) consta que:

Um texto não se define por sua extensão. O nome que assina um desenho, a lista do que deve ser comprado, um conto, ou um romance, todos são textos. A palavra “pare” pintada no asfalto em um cruzamento é um texto cuja extensão é de uma palavra. O mesmo “pare”, numa lista de palavras começadas com “p”, proposta pelo professor, não é nem um texto nem parte de um texto, pois não se insere em nenhuma situação comunicativa de fato.

O texto é entendido também como uma seqüência verbal constituída por relações que se estabelecem a partir da coesão e coerência, onde é chamado de textualidade. Portanto, um texto só pode ser considerado de fato um texto quando oferece possibilidades de ser compreendido como unidade significativa, quando possui textualidade.

O professor (C) expressa que “a produção de texto é exposição de idéias que pode ser de caráter descritivo, narrativo ou dissertativo. Mostra a visão de mundo do escritor”. Para o professor (D) a produção de texto é uma maneira da criança expressar seus sentimentos e sua compreensão do meio onde vive. O professor (E) cita que “produção de texto é colocar no papel as idéias relacionadas a

tal fato”.

Podemos perceber que esses entrevistados concebem a produção de textos de modo semelhante, pois esta atividade possibilita ao educando a reflexão, questionamentos, levantamento de hipóteses, oportunizando que pensem com autonomia, buscando estratégias para a solução de problemas.

Segundo Geraldi & Citelli (1997, p. 43), “produzir um texto na escola é realizar uma atividade de elaboração que se apura nas situações interlocutivas criadas em sala de aula. É um trabalho de reflexão individual e coletiva e não um ato mecânico e reprodutivo”.

Dessa forma, a produção textual deve estar relacionada com a vida e experiências do educando. Assim, ele estuda, discute, faz relações a partir de fatos concretos que fazem sentido para ele. Desenvolve também suas potencialidades na interação com os outros e com seu meio social.

A produção textual para o professor (F) “é uma forma de expressar através da escrita ou da oralidade o pensamento sobre algo, seja real ou ficção”. Segundo Chiappini (1997 p. 22):

O texto (oral ou escrito) é precisamente o lugar das correlações: construído materialmente com palavras (que portam significados), organiza estas palavras em unidades maiores para construir informações cujo sentido/orientação somente é compreensível na unidade global do texto.

Apenas a linguagem natural do cotidiano e a exposição ao falar não garantem a aprendizagem necessária. É preciso que organize as idéias e esteja contextualizada em projetos de estudos. Segundo Cagliari (1993, p. 202) *“uma criança deve levar a sua habilidade de produzir textos orais para a sala de alfabetização e usar isso como ponte para aprender a produzir os textos escritos nos estilos esperados pela escola e pela cultura”*. Portanto, é importante que o professor propicie e incentive a produção oral para o aluno aprender como a linguagem funciona e vá adquirindo habilidades de produzir textos escritos.

Em relação à importância de trabalhar a produção escrita (terceira questão), observa-se a seguinte situação:

Tabela 03 – A importância de trabalhar produção escrita

	Resposta	Freq.	Perc
A	Mostra a criatividade, estabelece diálogo entre professor/aluno e o texto. Forma cidadão para atuar na	01	16,66%

	sociedade		
B	Usa o raciocínio e desenvolve o cognitivo	01	16,66%
C	Um bom escritor deve começar cedo	01	16,66%
D	Compreende o mundo em que vive e prepara na formação da consciência crítica	01	16,66%
E	Pensa e organiza as idéias, adquire mais habilidades para desenvolver situações diárias	01	16,66%
F	Desenvolve outros critérios exigidos, linguagens, expressões do pensamento, leitura	01	16,66%

Uma das seis pessoas entrevistadas refere que a “produção de texto mostra a criatividade, estabelece diálogo entre professor/aluno e o texto, abre a mente para um mundo consciente e forma cidadão apto para atuar na sociedade”. (Professor A).

Conforme os PCNs (1997, p. 70), “a conversa entre professor/aluno é também, uma importante estratégia didática em se tratando da prática de produção de textos: ela permite as explicitações das dificuldades e a discussão de certas fantasias criadas pelas aparências”.

Associando as duas citações, é indispensável promover o diálogo professor/aluno e aluno/aluno, por meio de trocas de opiniões revelando os conceitos construídos e originando novos questionamentos. O educando com conhecimento significativo tem facilidade de interpretar, investigar e reivindicar os direitos que lhe pertencem, bem como desvendar informações que, muitas vezes, são obscuras. No entanto, para formar escritores competentes é necessário uma diversidade de informações e uma prática constante de produção de textos, sendo orais ou escritos.

O professor (B) mencionou que “a produção de texto é importante porque usa o raciocínio e desenvolve o cognitivo”. Santos (1996, p. 32) afirma que “a produção de textos favorece a espontaneidade, a criação, a interação com o meio. É uma maneira do professor conhecer melhor a criança. É uma atividade que estimula o diálogo entre diferentes valores culturais”. No entanto, a produção de texto vai além de desenvolver o raciocínio e o cognitivo, pois propicia ao aluno, pouco a pouco, reformular seu pensamento, sua maneira de ver o mundo, sua concepção sobre a língua e a cada dia se capacita e desenvolve suas potencialidades.

“Um bom escritor deve começar cedo”. (Professor C). Infere-se que este entrevistado pretende ressaltar que é importante trabalhar produção textual desde os anos iniciais. Na alfabetização, a princípio, os alunos escrevem pequenos textos

com poucas frases. À medida que vai ficando mais fluente na escrita, os processos de aquisição se multiplicam e influenciam reciprocamente.

O professor (D) afirma que “a produção escrita faz com que o indivíduo compreenda o meio que vive e prepara para a formação da consciência crítica”. A prática de reflexão sobre a escrita permite que o aluno expresse as hipóteses implícitas. A comparação, observação, investigação e interpretação das informações possibilitam que o escritor tenha uma visão mais ampla e crítica do meio em que vive. Conforme o Ciclo Básico de Aprendizagem (1998, p. 26), “a compreensão crítica resulta do trabalho mental realizado sobre o que se ouve ou se lê; trata-se de uma atividade que pressupõe análise, estabelecimento de relações entre enunciados, produção de sínteses”.

Para o professor (E) a produção escrita faz com que o aluno “pense, organize as idéias e adquira mais habilidades para desenvolver situações diárias”. Entende-se que o trabalho com textos deve ser desenvolvido de forma que tenha sentido, que sejam significativos e contribuam para que o educando, aos poucos, vá aprofundando seu conhecimento acerca da realidade e adquira competências para resolver problemas do dia-a-dia.

O professor (F) afirmou que é “através da produção escrita o aluno desenvolve a linguagem, expressão do pensamento, leitura etc.”. A produção deve partir das experiências do educando para facilitar e garantir a aquisição ou ampliação do entendimento do que é ler e escrever, bem como a função social da escrita. Teberosky (1992, p. 94) afirma:

Se o aluno for capaz de perceber como a língua se organiza, notará a diversidade de discursos que se apresenta nas diferentes fontes e formas de leitura; e que circula dentro e fora da sala de aula. Gradativamente terá contato com outras visões de mundo, ampliará os conhecimentos de si, do mundo que a cerca.

Associando o pensamento de Teberosky à expressão do professor (E), a leitura e a escrita, uma vez que as duas são interligadas, é um ato de reflexão constante, pois ao lermos e escrevermos estamos fazendo uso da língua e aprendendo em que circunstâncias vamos usar esse saber em nosso dia-a-dia, sendo que por meio da leitura e da escrita podemos nos distanciar dos fatos e questionar a realidade com uma postura crítica, não correndo o risco de perder a cidadania da comunidade letrada.

Em relação à quarta questão, quando perguntei se o professor trabalha a

produção textual de forma diferenciada e como trabalha, obtive as seguintes respostas:

Tabela 04 – Trabalha produção textual de forma diferenciada

	Resposta	Freq.	Perc
A	Desenho e frase	01	16,66%
B	Desenhos e vice-versa, história em quadrinhos e produção falada	01	16,66%
C	Desenhos, objetos, palavras, datas	01	16,66%
D	Desenho livre	01	16,66%
E	Ilustração	01	16,66%
F	A resposta não condiz com a pergunta	01	16,66%

De acordo com as respostas, a maioria dos entrevistados, ao trabalhar produção de forma diferenciada, dá prioridade ao “desenho”. Percebe-se que na prática desses docentes o aluno não tem muita opção para produzir textos. As propostas oferecidas são poucas em relação à grande variedade de produção que se pode trabalhar.

O professor (A) afirma, que trabalha produção usando desenho e frase. Conforme Santos (1996 p. 220): “Um ponto de partida para o trabalho educativo é sempre a expressão livre do aluno, nas suas mais diferentes formas. Entre estas o desenho assume um papel de essencial importância, principalmente no que se refere ao aprendizado da leitura e escrita”.

A prática do desenho livre facilita o enriquecimento das experiências, na expressão gráfica infantil. O desenho e o grafismo são fundamentais no desenvolvimento do aluno. A evolução do grafismo depende do desenvolvimento da percepção e da compreensão da atividade simbólica. Conforme essa etapa é alcançada o aluno torna-se capaz de representar por meio de signos convencionais as letras e evolui, também, no domínio gráfico e na escrita.

Segundo Ferreiro (1987, p. 90) “as crianças começam, antes de entrar para a escola, a assinalar seus próprios desenhos com a finalidade de explicá-los ou de representar de alguma maneira, em linguagem escrita o que representaram em seus desenhos”. No entanto, no desenvolvimento da linguagem, no conceito do que é ler e escrever, a criança tem como suporte o raciocínio lógico, a criatividade e as relações sócio-afetivas. Dessa forma, a alfabetização é uma apropriação de um objeto que implica correspondência entre a representação oral e escrita. De acordo

com Santos (1996 p. 222):

A partir de um certo grau de domínio, há o desenvolvimento, a bifurcação. A criança continua a exprimir-se pelo desenho, mas começa também a interessar-se mais vivamente pela sua garatuja que são uma tradução particular da linguagem: ela desenha por imitação, o texto manuscrito, depois interessa-se mais especialmente pelas palavras, pelas letras. A intuição vem-lhe do próprio sistema da expressão escrita que está baseada no valor fonético dos símbolos. E partindo desses valores ela vai finalmente escrever [...] exprimir seu próprio pensamento [...].

Conforme a criança vai desenvolvendo e evoluindo em relação à escrita convencional, aos poucos vai se interagindo com a língua escrita e, gradativamente, vai percebendo e compreendendo como o sistema da escrita se relaciona na construção da mensagem escrita.

No período de alfabetização, os alunos escrevem poucas palavras, à medida que vão ficando mais fluentes na escrita, e com o incentivo do professor, gradualmente vão ampliando seu repertório sobre a escrita e produzindo textos cada vez melhores.

O professor (B) menciona que trabalha produção diferenciada usando “desenhos e vice-versa, histórias em quadrinhos e produção falada”. É importante dar ao aluno a oportunidade para desenhar, produzir oralmente e por escrito textos sobre o que desenhou, pois é uma forma de se sentir mais livre e espontâneo escrevendo aquilo que sente, pensa e vê o que está ao seu redor.

Histórias em quadrinhos é um tipo de atividade que contém informação textual e visual. Desperta no educando a capacidade de raciocínio, elaboração do pensamento e da criatividade, bem como a oportunidade de conhecer e manusear algumas variações lingüísticas existentes, além de proporcionar momentos de recreação e lazer.

O professor (C) ressalta que trabalha com “desenhos, objetos, palavras, datas, a produção textual com seus alunos”. A produção com os itens citados estimulam em diferentes situações a criatividade, a rapidez na tomada de decisões, a criticidade, pois ao mesmo tempo os educandos passam a ser autores, atores e expectadores de tudo que aconteceu, além de proporcionar a oportunidade de transmitirem os próprios pontos de vista.

O professor (D) afirma: “Trabalho com produção através de desenhos livres. A criança desenha livremente e depois conta o que desenhou e escrevo o que ela diz, porque trabalho com Pré-Escola e os mesmos não conseguem escrever ainda”.

Neste caso, organiza-se assim: Segundo Freinet apud Santos, (1996, p. 221):

O professor, no intuito de intervir favoravelmente no processo, aproveita o desenho feito pela criança para fazê-la falar, para incitá-la a exteriorizar-se e a socializar-se. Procura também não perder oportunidade para escrever diante das crianças o comentário de um desenho, um acontecimento, uma decisão tomada e para ler os mais diferentes textos para elas.

Ao relacionar a narrativa do professor à afirmação da autora, percebe-se o quanto é importante o professor trabalhar produção de textos com os alunos desde a pré-escola de forma oral ou escrita, pois sem traumas e sem bloqueios, a criança vai aos poucos percebendo que a expressão livre é descoberta, é prazer.

O professor (E) cinco expressa que trabalha com ilustrações. Para ele, através da ilustração as crianças organizam as suas idéias registrando todos os momentos contidos no desenho. Por meio dessa atividade, o educando observa, analisa e escreve livremente de acordo com sua percepção e criatividade. Conforme Jolibert (1994, p. 36) “cada criança possui seu caminho próprio; é preciso que ela viva as situações de aprendizagem que lhe permitam ao mesmo tempo ter referenciais constantes e construir suas próprias competências”. Portanto, é necessário incentivar e mostrar à criança que ela é capaz de produzir, de criar. É fundamental que o professor desperte o prazer de escrever por meio de incentivo e atividades diferenciadas. Segundo Rodari (apud Jolibert, 1994, p. 315):

Criar é uma situação na qual a criança é considerada como um consumidor (de saber, de valores pré-fabricados, de tradição, de livros, de invenções de outrem), mas sim como um verdadeiro produtor [...]. Numa situação criativa, a criança torna-se apta à construção de sua própria liberdade.

É importante que o professor favoreça e proporcione atividades que facilite ao educando desenvolver seu cognitivo; que estas sejam de forma dinâmica de ação, criação e reflexão, contribuindo para a formação de um escritor crítico e autônomo.

Em relação ao trabalho diferenciado de produção de textos, o professor (F) mencionou que “trabalha de acordo com o desenvolvimento do aluno, porque de repente um aluno não consegue ainda produzir determinado texto porque seu nível ainda está um pouco menor, aí a necessidade de se trabalhar de forma diferenciada”. Percebe-se que este professor faz uma interpretação diferenciada, embora sua forma de pensamento é muito válida. Cada criança tem seu ritmo de aprendizagem e este deve ser respeitado pelo professor que deve trabalhar de acordo com o desenvolvimento de cada um.

Em relação aos critérios utilizados pelos professores para corrigir textos, as respostas também foram diversificadas.

Tabela 05 – Critérios que usa para corrigir as produções

	Resposta	Freq.	Perc
A	Parabéns, mais capricho	01	16,66%
B	Leitura individual, coletiva e correção ortográfica	01	16,66%
C	Prioriza a idéia, a ortografia, coesão e coerência	01	16,66%
D e E	Faz correção junto com o aluno.	02	33,32%
F	Mostra aos alunos as palavras incorretas e solicita a leitura	01	16,66%

O professor (A), utilizando as expressões “parabéns” e “mais capricho”, o que não possibilita a correção do texto, é apenas um conceito que é atribuído ao mesmo. Dessa forma, o texto em si não é corrigido e o aluno perde a chance de aprender a produzir textos corretamente. O educando nunca vai saber porque o professor escreve este ou aquele conceito. Segundo Prestes (1999 p. 16):

A produção de texto pelo aluno, na maioria das vezes, visa apenas a cumprir exigências do professor. Com isso, esse aluno vai, provavelmente, se sentir desmotivado a escrever ou deixará de ter seu estilo próprio, pois sua intenção é só contentar um único leitor, o professor, e conseguir uma boa nota. E o professor, por seu turno, em geral, espera que todos os seus alunos produzam um texto do jeito que ele quer, algo mais ou menos padronizado, em que, acima de tudo, se valoriza a correção gramatical.

O professor deve repensar, refletir sobre esses conceitos e critérios de correção. Com esse método de correção não desperta prazer em produzir textos, apenas desmotivação e, às vezes, até bloqueios em que o aluno carregará por toda sua vida. Cagliari (1993, p. 211) afirma que “não basta o professor dizer que o texto está ruim. É preciso fazer uma análise e mostrar porque está ruim e, especialmente, o que fazer para que o texto fique bom”. Portanto, se o professor não analisar o texto junto com o aluno, ele não saberá em que e como pode melhorar.

Para Cagliari (1993), a criança escreve como fala, cabe ao professor orientar para que ela produza textos com eficácia e competência, que aprenda a produzir textos de todos os tipos, conforme as exigências culturais e escolares. É importante que faça uma preparação anterior em termos de leitura e análise textual, como também troca de idéias, experiências entre professor e alunos para que o produtor tenha uma idéia mais ampla, organize-as e tenha mais facilidade para produzir seus

textos.

O professor (B) ressalta que corrige as produções por meio de “leitura individual, coletiva e correção ortográfica”. Relacionando a expressão do entrevistado com as referências de Bertolin “é importante a leitura oral acompanhada das observações do professor e do aluno para que possam fazer comentários a respeito da produção do outro”. Por isso é importante a interação entre professor/aluno e aluno/aluno, pois é uma maneira de incentivar o educando a buscar mais informações, refletir e expor suas idéias sem constrangimento.

Segundo Oliveira, Silva e Bertolin (2001, p. 21), “por maiores problemas que uma produção apresenta, sempre é possível encontrar um aspecto positivo que deve ser comunicado oralmente ou por escrito ao seu criador”.

Em relação ao erro ortográfico deve ser visto como um aspecto construtivo, mas não definitivo. Segundo PCNs (p. 87), “deve estar voltado para o desenvolvimento de uma atitude crítica em relação a própria escrita, ou seja, de preocupação com a adequação a correção dos textos”. Portanto, o professor antes de pensar qualquer ação de ajuda, é importante que entenda a natureza do erro construtivo, classificando-o adequadamente, pois para cada tipo de erro há procedimentos pedagógicos mais ou menos adequados. O educando quando erra na grafia das produções escritas segundo Cagliari (1993, p. 211) “não está querendo escrever conforme sua própria pronúncia. Isso acontece porque ele ainda não domina o sistema da escrita e sobretudo, a ortografia das palavras”. As dificuldades ortográficas fazem parte do processo da aquisição da escrita, e o educando, na medida que vai tendo contato com a diversidade de materiais, aos poucos vai percebendo como funciona a escrita, diminuindo assim os erros ortográficos deixando a produção com mais qualidade.

O entrevistado (C) afirma que corrige as produções textuais dando prioridade à idéia, a ortografia, coesão e coerência. É uma forma de o aluno refletir sobre os elementos da língua e deixar o texto mais compreensivo, e o aluno passa a se preocupar mais com seus leitores, uma vez que o texto fique mais claro ou adequado à leitura que seus interlocutores farão. Segundo Teberosky (1992, p. 89), quando o aluno tem conhecimento de um texto bem produzido, vai percebendo que o ato de escrever é trabalhoso, é construção do conhecimento; estará mais bem capacitado para compreender a linguagem, aprender a variedade de palavras e interar-se delas. Nessa situação é importante que o professor deixe o aluno escrever

à vontade, valorizando as idéias sem cobrar tanto os erros ortográficos, estes, com a prática de leitura e escrita, aos poucos, vão diminuindo. Segundo Cagliari (1993, p. 124):

O excesso de preocupação com a ortografia desvia a atenção do aluno, destruindo o discurso lingüístico. O controle ortográfico destrói o estímulo que a produção de textos desperta numa criança”. E ainda “isso não significa que o aluno não precise aprender a ortografia. É evidente que sim, mas na justa medida e no oportuno.

Os professores (D e E) afirmam que “fazem correções de produção escrita junto com o aluno”. Acredito que este critério de correção é o mais correto, pois o aluno participa dos “erros” e acertos percebendo como pode fazer para estar melhorando cada vez mais as produções na questão de coesão e coerência, produzindo textos de maneira autônoma e com competência. Segundo Jolibert (1994, p. 35) “não se ensina uma criança a escrever, é ela quem ensina a si mesma”. Portanto, o professor apenas orienta o aluno nas produções, é um mediador dessa construção. De acordo com Spoetders e Yde (apud Prestes, 1999, p. 11):

No momento da correção, os escritores acrescentam, retiram, reescrevem ou reorganizam elementos em seus textos porque eles os avaliaram como inadequados e podem pensar em uma boa maneira de mudá-los. Ainda conforme os autores, já que a revisão é um subprocesso da escritura, aquela pode interromper esta em qualquer momento.

É importante que o professor incentive a auto-correção para que o aluno se sinta valorizado e capaz de analisar suas próprias produções, percebendo que a cada produção terá mais facilidade de organizar os elementos necessários para produzir um texto com qualidade.

O professor (F) afirma que: “procuro corrigir, ou seja, verificar os assuntos desenvolvidos, procurando mostrar aos alunos as palavras que estão escritas de forma incorreta e por fim, procuro solicitar a leitura do mesmo”. Com este critério de correção, acredita-se não é oportunizado ao aluno a construção de conhecimentos, pois no momento em que o professor mostra as palavras que estão incorretas e solicita leitura, impede o aluno de analisar o seu próprio texto para verificar seu desempenho e perceber os seus próprios erros. Com apenas a leitura das palavras incorretas o aluno não compreenderá a qualidade de sua produção, bem como aprender a produzir textos com progressão de idéias, sendo que o mais importante é priorizar as idéias dos alunos e não os erros ortográficos. De acordo com Prestes (1999 p. 12):

É importante que o professor apenas assinale os problemas nas produções escritas, deixando os alunos buscarem soluções para saná-los. Se eles não conseguirem solucionar algo mais difícil, aí sim o professor deverá intervir. Outro detalhe: a correção não deve ser somente para elogiar o que está bem feito, estimulando os alunos a buscarem fazer textos cada vez melhores.

Nessa perspectiva, não é aconselhável que o professor mostre ao aluno onde está o erro, mas procurar meios de levá-lo a perceber onde não está correto na produção e orientá-lo a acrescentar, retirar, reescrever ou reorganizar os elementos que compõem o texto para que o escritor perceba seu avanço em cada produção, de maneira que o leitor compreenda a mensagem contida no texto. Segundo Prestes (1999, p. 18) “a relação leitura/escrita/reescrita possui um caráter eminentemente interativo”. Sendo assim, o aluno a todo o momento terá de rever a produção, analisar o que e como escreve, fazendo novas versões e também incorporando outras possibilidades que a língua oferece de se transmitir a mesma mensagem aproximando-se da variedade padrão. Conforme Serafim (apud Prestes, 1999, p. 12):

Os erros precisam ser reagrupados e catalogados; o aluno deve ser estimulado a rever as correções feitas, compreendê-las e trabalhar sobre elas; poucos erros devem ser corrigidos em cada texto; o professor deve se dispor a aceitar o texto do aluno, e a correção precisa considerar a capacidade dele, estimulando-o a melhorar.

Portanto, não é uma prática construtiva o professor corrigir todas as falhas que uma produção possui, pois se assim proceder corre o risco de o aluno se sentir incapaz e desmotivado dependendo do grau de dificuldade que ele teve para produzir.

A produção escrita deve ser mais do que uma atividade de busca de um padrão modelar, de treino mecânico. O importante é levar o aluno a produzir com competência e qualidade. No processo de produção e reprodução do texto é que o aluno vai dominando a sua escrita e percebendo as variações intertextuais que compõe o texto.

A produção de textos espontâneos deve-se integrar às demais atividades desenvolvidas cotidianamente em sala de aula. Qualquer experiência que a criança realize ou experiência vivida pelo grupo pode se transformar em sala de aula, pois é um momento riquíssimo de produção de conhecimento e prazer, assim a linguagem escrita contribui na expressão de seus sentimentos e experiências sobre e com o mundo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as principais atividades que a escola pode oferecer de bom aos educandos estão a leitura e a produção textual tanto na modalidade oral como escrita. Ambas é uma continuidade da escola na vida, pois a maioria das pessoas, no seu dia-a-dia, tem a necessidade de ler e produzir textos em várias circunstâncias de sua vida. No entanto, as atividades de leitura e produção de textos deveriam ser priorizadas no ensino da linguagem desde a alfabetização.

Dessa forma, a leitura como prática social, suporte teórico para futuras produções de texto, é o processo que se movimenta entre o que se reconhece no texto e o que se expropria dele. Sendo assim, a leitura é fundamental como fonte de conhecimento para uma posterior produção de texto, pois um texto não é produzido do nada. Existe uma relação deste com os outros que já foram produzidos, ou seja, há uma intertextualidade.

De acordo com a pesquisa realizada sobre produção espontânea com professores foi possível perceber que eles compreendem a importância da produção de textos na vida escolar do educando e para o seu desenvolvimento pessoal. Sendo assim, o ato de produzir um texto deve ser mais que um exercício de busca de um padrão modelar de treino mecânico e repetitivo. Deve fazer com que os alunos desenvolvam uma competência discursiva marcado pelo domínio da modalidade escrita e por uma visão de que a produção de um texto é um trabalho que exige a superação de jogos, palavras e frases soltas.

Observou-se que os educadores entrevistados não dão muita oportunidade para seus alunos conhecerem a variedade de textos que circulam socialmente, pois as opções são poucas frente à variedade de textos que existem. O professor precisa sempre buscar novas alternativas, sem perder de vista a qualidade do ensino e a adequação de conteúdos à realidade em permanente evolução. Tais atividades necessitam ter caráter atrativo que sejam capazes de motivar o educando, partindo de seus interesses e de sua forma de viver.

É importante que o educador propicie o desenvolvimento de diversas produções textuais, que contemple a linguagem verbal e a linguagem não verbal, para que o aluno aprenda a ler e a interpretar todos os gêneros textuais existentes,

oportunizando fontes de informações tanto escolar quanto extra-escolar.

Observa-se ainda que alguns dos entrevistados demonstraram uma certa dificuldade em relação à forma de corrigir os textos produzidos pelos alunos, utilizando métodos que não contribuem para que o educando compreenda o que é e como produzir textos com clareza e significado.

Uma das formas de se produzir textos significativos, na escola, é usufruir elementos que atraem o interesse e a curiosidade das crianças, fornecendo meios necessários para que possam produzir textos verdadeiros, sabendo manipular adequadamente os variados recursos lingüísticos, de acordo com a situação de comunicação. Sendo assim, a escola estará desempenhando sua real função que é a de formar leitores e escritores competentes e não apenas meros reprodutores do sistema que está posto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. (Coleção 2º Grau – Série Formação do Professor). São Paulo: 1994.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1993.

CHIAPPINI, Ligia. **Aprendendo e Ensinar com Textos de Alunos**. Coordenadores J. Wanderley Geraldi e Beatriz Citeli. São Paulo: Cortez, Vol 01, 1997. 182 p.

FA7ULSTICH, Enilde L. de J. **Como Ler, Entender e Redigir um Texto**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERREIRO, Emília & PALACIO, Margarita Gomes. **Os Processos de Leitura e Escrita**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1987.

FOUCAMBERT, Jean. **A Leitura em Questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GIRALDI, João Wanderley. (org.). **O Texto na Sala de Aula – leitura e produção**. 6ª ed. Paraná: Assoeste, 1991.

JOLIBERT, Josette (coord.). **Formando Crianças Produtoras de Textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

JOSÉ, Elizabete da Assunção & COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1984.

KATO, Mary Aizawa (org.). **A Concepção da Escrita Pela Criança**. São Paulo: Pontes, 1994.

KRAEMER, Maria L. **Vamos Jogar? Língua Portuguesa: Jogos que Divertem e Ensinam Linguagem e Gramática**. Porto Alegre: AGE, 1997.

LANDSMANN, Liliana Iolchinsky. **Aprendizagem da Linguagem Escrita – Processos evolutivos e**

implicações didáticas. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Escola Ciclada de Mato Grosso: novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer.** Cuiabá: Seduc. 2000, 195p.

OLIVEIRA, Tânia Amaral, SILVA A. S. & BERTOLIN, R. **Linguagem e Vivência.** Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. São Paulo: IBEP, 2001.

PRESTES, Maria Lúcia de Mesquita. **Leitura e Reescrita de Textos: Subsídios teóricos e práticos para seu ensino.** 1ª ed. São Paulo: Respel, 1999.

RIBEIRO, Lourdes Eustáquio Pinto. **Proposta de Alfabetização: Para casa? Ou para a sala: A teoria da prática construtivista.** Vol I. Editora Didática Paulista, 1988.

RIZZI, Leonor e HAYPT, Regina C. **Atividade Lúdicas na Educação da Criança.** São Paulo: Ática, 1997.

RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia: Imaginação, Criatividade, Escola.** São Paulo: Smmus, 1982.

SANTOS, Maria Lúcia. **A Expressão Livre no Aprendizado da Língua Portuguesa: Pedagogia Freinet.** 3ª ed. São Paulo: Scipione, 1996.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: Uma perspectiva social.** 12ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

TEBEROSKY, Ana & TOLCHINSKY, Liliana. **Além da Alfabetização.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo a Escrever: Perspectivas pedagógicas e implicações educacionais.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e Textualidade.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.